
 <p>FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p>AHIMTB/RS Academia General Rinaldo Pereira da Câmara</p>	<p>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</p>	
<p>520 ANOS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA – 190 ANOS DA INDEPENDÊNCIA</p>		
<p>Ano 2012</p>	<p>NOVEMBRO</p>	<p>Nº 39</p>

A REVOLUÇÃO DE 1964 EM PORTO ALEGRE – DEPOIMENTO DO General JOAQUIM JUSTINO ALVES BASTOS - CAPÍTULO 9º DO LIVRO “ENCONTRO COM O TEMPO” (Porto Alegre: Globo, 1966)

Militar, nasceu em Cuiabá (MT), em 9 de setembro de 1900. Participou do Movimento Constitucionalista de 1932, exilando-se na Argentina, com o fracasso da Revolução. Anistiado pelo Governo de Getúlio Vargas, comandou o Forte de Copacabana (RJ) e o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), em Porto Alegre. Com o fim do Estado Novo, exerceu diversas funções, inclusive a de Cmt da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Foi Presidente do Clube Militar e Cmt da 1ª Região Militar, Rio de Janeiro. De 1961/62, foi embaixador do Brasil em Assunção, Paraguai. Cmt da 5ªRM/DE, comandou o III Ex interinamente, de onde foi para o IV Exército, Recife, agosto de 1963, em substituição ao General Humberto Castelo Branco. No Nordeste, teve uma passagem tumultuada entre 1963 e 1964, confrontando-se com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, cuja prisão autorizou, logo após o 31 de março de 1964. Em setembro de 1964, recusou convite para o STM e voltou para o III Ex.

Voltava desta vez ao ambiente gaúcho. Vinha exercer o comando no qual poderia ter ficado quando me vi transferido para o Nordeste. Podia estar confiante de realizar digna obra de comando, pois os meses anteriormente passados na função, servindo de experiência, criavam-me excepcionais condições de êxito. Chegava robustecido pelo prestígio e pela autoridade conquistada nas jornadas da Revolução e revia este "habitat" tão querido, e ao qual tão bem se ajustam minhas melhores características pessoais.

Afinal, que me falta para ser um gaúcho? Amo as tradições heróicas deste povo e tenho quase de cor as principais fases de sua História. João de Magalhães, José da Silva Pai e Cristóvão Pereira, no século XVII, desbravando terras litorâneas até a atual Barra do Rio Grande e o Chuí. Rafael Pinto Bandeira, com excepcional instinto guerrilheiro, defendendo a gleba, ao partir de uma posição central para bater o castelhano vindo de várias direções. De 1835 a 1845, é o decênio da Revolução Farroupilha, onde mais que nunca firmou-se a tradição heróica dos rio-grandenses. Vinte anos depois a Guerra do Paraguai e quais os vanguardeiros das operações daquela luta? Eram os gaúchos Manuel Luís Osório, Manuel Marques de Souza (Conde de Porto Alegre), Joaquim Marques Lisboa (Marquês de Tamandaré), João Luís e João Manuel Menna Barreto, José Antônio Corrêa da Câmara, e centenas de outros, entre os quais Bento Gonçalves da Silva Filho e Caetano Gonçalves da Silva, dois filhos do extraordinário chefe da Revolução Farroupilha.

Foram os gaúchos os guardas vigilantes e indormidos de nossas fronteiras [...]. Sou um gaúcho, pelo coração. Encanta-me o mar verde das coxilhas; revivo, quando galopo a meia rédea no dorso de meu baio ruano. Enfrento as tempestades, mais por não saber fugir que por ser de verdade um destemido. Não serei um bravo gaúcho, por certo, mas sei admirar a vocação heróica deste povo. Sua bondade, suas tendências românticas, seu amor ao trabalho, à família, à Pátria e a todas as razões superiores de viver.

Cheguei ao Rio Grande do Sul faz quase um ano e o tempo me tem sido escasso. Guardei, não sei para quando, meu velho livro o "Farrapo" de Félix Contreiras Rodrigues, porque assumi o posto de "sentinela número um" desta área meridional de nossa Pátria. Sentinelas não precisam de livros de cabeceira. Elas não dormem...

Grande, é este Exército que tenho sob meu comando. Grande em sua área de responsabilidade, suas guarnições, seus efetivos, seus componentes, oficiais, sargentos e praças, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foi perfeitamente aprovado na prova severa da Revolução.

Se o Nordeste fora um barril de pólvora, por sofrer a influência direta de Arraes e de seu grupo comunista, aqui no Rio Grande do Sul, os organizadores e implantadores da subversão também eram terríveis pelas posições que ocupavam e prestígio de que desfrutavam. Um, era o próprio Presidente da República e outro, fora o Governador do Estado, era deputado, empregava verbas oficiais e particulares para dominar consciências e impor os rumos que lhe incendiavam o pensamento alucinado...

Como os bravos soldados do IV Exército, também os do III ouviram mais alto a voz de seus oficiais, de seus generais, a própria voz da Pátria.

Para desarticular as forças militares do sul do País, o Governo de então começou por dar-lhes comando deficiente, inexpressivo e falho. Erro total porque, como consequência, na hora H, o III Exército não lhe podia servir: estava desunido e enfraquecido. Querendo corrigir a situação, procurou fazê-lo mediante substituição tardia. Retirara o Gen Benjamim Rodrigues Galhardo e colocava em Porto Alegre, à última hora, o malgrado Gen Ladário Pereira Teles.

Bem andou, o digno e decidido Gen Adalberto Pereira dos Santos, afastando-se de Porto Alegre para Cruz Alta, guarnição de sua confiança, de onde tratou de coordenar o maior número de elementos com os quais, se necessário e possível, partiria ao ataque e à reconquista da Capital.

Em Santa Maria, o Gen Mário Poppe de Figueiredo pensava e agia de igual forma. Em Uruguaiana, Joaquim de Melo Camarinha, Comandante da 2ª DC, estava pronto para tomar a ofensiva, podendo marchar em apoio da 3ª DC e depois atingir Porto Alegre.

Em Bagé, a situação era incerta e só com muita dificuldade o Gen Hugo Garrastazú, ajudado pelo Cel Osmar Mendes Paixão Cortes, Cmt do 3º RACav 75, pelo Ten-Cel Jaci Brum Braga, do 3º RCMec e numeroso grupo de oficiais do 5º Exército (Reserva), conseguiu firmar-se e impor sua autoridade. Era profunda a infiltração subversiva no meio dos sargentos, assim como em D. Pedrito, onde à falta de ação do Comando do 14º Regimento de Cavalaria pouco faltou para causar irremediáveis consequências.

Todos os elementos assim referidos, cobrir-se-iam nas direções onde houvesse unidades fora do controle e marchariam para Porto Alegre em ofensiva, impondo ao RS a vitória que no resto do País já era um fato.

Igualmente acertada foi a retirada do Governo Estadual para Passo Fundo. Em Porto Alegre, estaria exposto ao desespero de Brizola que contava, sem dúvida, com muita gente no meio civil, a somar-se com os subversivos que aparecessem nas fileiras do III Exército e da Brigada Militar. A sorte do Governo seria arriscadíssima e incerta, e a divisão da tradicional e valorosa Brigada um mal por muito tempo irremediável.

Procedendo como o fez, pôde o Governador lido Meneghetti regressar, tão logo a situação se clareou e, caso fossem mais graves os acontecimentos, voltaria com a ofensiva das tropas, dignificado ao meio de generais, sem as penas de uma deposição que ficaria como hiato e nódoa perene na continuidade histórica do Governo do Rio Grande do Sul.

É certo que o grupo de oficiais deixado em Porto Alegre, a responder pelo Comando do Exército e da 6ª DI, não se deixou dominar pelos acontecimentos, embora aqueles quartéis-generais estivessem repletos de sargentos brizolistas e sediciosos.

A força moral e o valor dos Coronéis José Codeceira Lopes, depois general, e Rubem Continentino Dias Ribeiro, a tudo se sobrepueram. A disciplina foi mantida e mesmo nas ruas da cidade predominou a ordem.

Aqueles coronéis foram auxiliados por companheiros à altura: Coronéis Odílio de Magalhães, Vespasiano Rodrigues Corrêa e Oriovaldo Pereira Lima; Tenentes-Coronéis Léo Palombini (falecido), Aimé Alcibiades da Silveira Lamaison, Telmo de Oliveira Santana, Armando Renan d'Ávila Duarte; Majores Ilus Fagundes Ouriques Moreira, Renato Moreira, Wenceslau Braga dos Santos e outros.

Assim definido o quadro dos acontecimentos no Estado, vejamos o desenrolar da perigosa situação em Porto Alegre.

O III Exército, desde nossa partida em agosto de 1963, foi sendo submetido a um deliberado processo de aviltamento. Admitindo seu comandante como aceitável figura, cumpre lembrar que seus chefes de estado-maior sucessivos, Napoleão Nobre e Otomar Soares de Lima, eram mal conceituados na classe, considerados comunistas e jamais foram da livre escolha de Galhardo. O primeiro, veio pelo desejo de Jair e o segundo, de Osvino e Assis Brasil. Na 5ª Região Militar, havia dificuldades com o Comandante da ID/5, Crisanto de Miranda Figueiredo, propagandista inflamado das ideias pessoais de João Goulart, carreirista, comunista e mau companheiro. Conheci-o ao tempo em que presidi o Clube Militar. Pensava e agia sob estrita inspiração de Donato, Kardec e de Niepce.

Em Porto Alegre, já a maioria dos comandos fora entregue a oficiais comunistas: no 18º RI estava o Cel Lauro Bandeira de Mello, no 6º BE Cmb, Jarbas Ferreira de Souza; à última hora, para o 19º RI (São Leopoldo) fora o Ten-Cel Osvaldo Nunes.

A 31 de março, com a eclosão da Revolução, aumentara a tensão em Porto Alegre, onde a dúvida, a ansiedade e a revolta estavam no espírito de todos.

Pela manhã, Galhardo, numa iniciativa acertada, visitara as diversas secções e prometera uma reunião para mais tarde. Todos encheram-se de esperanças, admitindo que lhes viria alguma diretiva ou palavras de orientação, que tanto se fazia necessário. Não houve, porém, a desejada reunião. Às 1630 horas os Generais Galhardo, Adalberto e Oromar, por telefone, conferenciam em conjunto com o Gen Genaro Bomtempo, chefe do gabinete de Jair. Terão ouvido o mesmo que eu em Recife, quando naquele dia Genaro me comunicava que havia movimento de tropas em Minas. À natural pergunta minha sobre que movimentos seriam e com que fim, respondeu candidamente: "Isso não sabemos."

Naquela hora foi dada ordem de prontidão ao III Exército, em Porto Alegre, daí a momentos estendida para todo o território.

Às 21 horas chega a notícia da exoneração de Galhardo e de Adalberto das funções que exerciam (III Exército e 6ª DI). Chega do Rio de Janeiro o Gen Floriano da Silva Machado, Comandante da 3ª RM, que lá se achava em férias. É fora de dúvida que Floriano Machado transmitiu abundantes informações a seus companheiros, porque costuma informar-se bem e é de temperamento extrovertido e prolixo.

Às 23 horas Galhardo sai de seu QG, atravessa a rua, indo ao da 6ª DI, para dizer a Adalberto que não passaria o Comando do III Exército a Ladário e que o prenderia em seu próprio gabinete. Adalberto exulta com essa decisão e lhe dá pleno apoio. Logo após, chega o aviso de que Ladário, num mesmo avião com o Gen Silvino Castor da Nóbrega, Comandante da 5ª RM, e Crisanto Figueiredo, da ID/5, estava de viagem para Porto Alegre, e, ao mesmo tempo, ordem para Galhardo passar o comando e recolher-se ao Rio.

A tropa de Porto Alegre não oferecia segurança para a realização dos propósitos manifestados por Galhardo, mas Adalberto mantinha-se na decisão de apoiá-los, contando principalmente com a 6ª Companhia de Polícia do Exército.

À uma hora da madrugada de 1º, dá-se o recuo de Galhardo que declara francamente a Adalberto que passaria o comando. Às 0215 horas, Ladário, Silvino e Crisanto chegam ao Aeroporto Salgado Filho, são recebidos por dois coronéis do III Ex e vão diretamente para a cerimônia da posse. Crisanto toma, entretanto, destino ignorado, indo por certo reunir-se aos grupos subversivos. Às 3

horas há a passagem de comando com numerosos civis que chegavam para assisti-la, com seis generais da ativa e toda a oficialidade do QG. Cerimônia cheia de terríveis presságios e sério perigo de explosões violentas.

O novo comando lança uma proclamação inócua, desprezível, sendo que o respeitável gabinete do Comando do III Ex tornava-se pequeno para conter as representações petebistas, dos sindicatos e da Refinaria Alberto Pasqualini, vindos a mandado de Brizola. Havia muitos que para lá se dirigiram com altos propósitos de orientar os acontecimentos de forma conveniente, chamando à razão aqueles que se deixavam levar por paixões ou falso sentimento do dever. Viam-se o Gen Prof. Antônio da Rocha Almeida, amigo e companheiro de turma do Gen Ladário, e outras personalidades elevavam o nível daquela melancólica cerimônia.

Leonel Brizola permanecia com Ladário, servindo-lhe de assessor, lado a lado na mesa de despachos e fazendo-lhe contínuas sugestões. Em assento próximo, também Ajadil de Lemos, na ocasião Vice-Prefeito da Capital. Desde os primeiros momentos de seu comando, tentava Ladário movimentar as tropas de Santa Maria e lançá-las para o norte, contra São Paulo.

Ao clarear do dia, requisitava a Brigada Militar, ao que o Governador Meneghetti, com firmeza, respondia pela negativa. Face a solicitação análoga, que lhe chega diretamente, o digno Comandante daquela destemerosa milícia não hesita em responder que só atenderia ordens que lhe chegassem pelo Governo do Estado.

De momento a momento, agrava-se a situação na área dos quartéis-generais do Exército e da Brigada, situados no final da Rua dos Andradas. Parecia iminente uma explosão de ânimos que tomaria a forma de conflito gigantesco, entre oficiais e sargentos. No conjunto da guarnição o predomínio momentâneo caberia aos subversivos.

O Cmt da 6ª DI, Gen Adalberto, resolve seguir para Cruz Alta, fazendo-se acompanhar de seu ChEM, Cel Carlos Alberto da Fontoura e seu oficial de informações, o então Maj Angelo Irulégui Cunha.

Por seu lado, o Governador também se afasta de P. Alegre, acompanhado por alguns Secretários de Estado, indo instalar seu governo em sede provisória, na cidade de Passo Fundo.

Em seu rápido comando, uma das medidas de Ladário foi entregar a Brizola as estações radiodifusoras, com as quais trataram de reconstituir a rumorosa "cadeia da legalidade" dos dias de agosto e setembro de 1961. Pela mesma, foram irradiados aqueles sinistros apelos para que o povo se levantasse em massa contra as Forças Armadas e para que os sargentos **aprisonassem ou matassem os oficiais**, por serem eles gorilas e traidores. Ao passar o comando, às três horas daquela madrugada, Galhardo, sem se aperceber, estava pondo um término em sua carreira militar, jamais brilhante, mas que sempre fora digna.

Recolhido à residência, terá sentido o coração oprimido ao conjecturar o caminho doloroso que ainda haveria de percorrer. À margem dos acontecimentos que iam ali por perto e aos quais tão bem poderia ter conduzido para rumos mais propícios, na inutilidade consequente de sua fraqueza naquela ocasião, contava as horas, uma a uma, até poder subir ao avião que, decolando às 12 horas do dia 1º, o levaria ao Rio, enfraquecido na condição de chefe e às vésperas de transferir-se para a reserva, quase obrigatoriamente.

Ladário, pela jornada de 1º de abril, continua a tentar o impossível, que seria sustentar, no RS, o Governo de João Goulart, repudiado por todo o País. Às 3 horas prende o Comandante do 19º RI, de São Leopoldo, substituindo-o pelo Ten-Cel. Oswaldo Nunes, de conhecidas tendências comunistas. Às 18 horas, autoriza o comício na escadaria da Prefeitura onde Brizola, o Prefeito Sereno Chaise e outros agitadores, insuflam o povo. E, dominado pelas emoções daquele dia terrível, lembra-se de ocupar por algum tempo esta casa¹, ampla e acolhedora, simpática e funcional, em que, num silencioso gabinete, vou reconstituindo hoje os dramáticos acontecimentos daquelas jornadas angustiosas para muitos, que hoje vêem o III Exército em dias de normalidade, de paz e de prestígio máximo.

¹ Residência do Cmt do então III Ex, à Av. Cristóvão Colombo.

Ficara o Gen Ladário Pereira Teles no QG, desde as 3 da madrugada, quando chegara do Rio, até o cair da noite, numa prolongada vigília que não sei como poderia classificar. Digna e louvável, errônea e absurda ou antipatriótica e criminoso?

Na modesta filosofia de minha vida, deposito tanta fé na existência anímica, que às vezes julgo terem alma as próprias coisas materiais e inanimadas. Assim parece-me que, por seu destino, pela categoria de seus sucessivos ocupantes, por sua situação dominante sobre o casario circunvizinho, esta casa residencial do Cmt do III Exército, talvez tenha sentimento, nobreza e tenha orgulho de si própria. Um sismógrafo de alta sensibilidade acusaria, então, certo tremor em seus alicerces, quando Ladário lhe transpôs a porta. Isso, porque comando significa autoridade moral sobre centenas de milhares de seres humanos, consciência de alevantados propósitos, disposição para a vida e para a morte em luta pelo dever, pela honra e pela Pátria.

Em qual desses marcos da personalidade de um chefe enquadrar-se-ia a figura daquele general aqui chegando? Por que e para que viria?

Seria para descansar de esforços tão mal empregados ou estaria em busca de novas inspirações para uma reabilitação impossível?

Ladário era dos muitos que os acontecimentos estavam a triturar impiedosamente e seu porte, de um vistoso gaúcho do Alegrete, iria minguar e desaparecer, neste posto tão habituado a engrandecer seus ocupantes...

Na noite de 1º para 2, os ajudantes-de-ordens de Otomar armaram os numerosos sargentos do QG para enfrentar os oficiais, seus velhos amigos, que, segundo eles diziam, iriam atacar aqueles subordinados. A trama perigosíssima e o crime inominável só não se consumou pela prudente energia dos oficiais que se mantiveram de guarda todo o tempo, obrigando os sargentos a se empenharem, sem interrupção, em trabalhos de datilografia e de arquivos. Na verdade, porém, o que valeu foi a força moral de uns e o bom-senso de outros que, estando em minoria em relação a seu total, eram acostumados à obediência, à confiança e à lealdade para com seus superiores hierárquicos.

Alta madrugada do dia 2, enquanto no Nordeste, em Minas, no Rio e por todo o Brasil se ouviam as expansões alegres das tropas e do povo, na confraternização da vitória, chega a notícia de que João Goulart, vindo em avião da FAB, com numerosos acompanhantes, pousaria em Porto Alegre dentro de pouco tempo.

Ladário, Otomar, Floriano, Brizola, alguns petebistas e janguistas exaltados, dirigem-se para o aeroporto a fim de receber aquela sombra de Presidente, chegada pelos ares numa versão moderna de Ahasverus². Rio, Brasília, Porto Alegre, São Borja, onde iria sentir-se seguro, quem tão mal interpretara os anseios da Nação e tão mal empregara o voto de confiança recebido do povo a 6 de janeiro de 1963?

Do aeroporto, às 0430 horas, vêm todos para a residência oficial, onde a conhecida e estimada figura do mordomo, Adão Ribeiro de Caldas, a todos recebe com a costumeira e bivalente polidez: assim fazia por ser de suas atribuições e por se ter habituado a ver nesta casa as mais dignas personalidades do Estado e do País.

Entram imediatamente em prolongadas conferências, estudando meios e possibilidades para se manter em Porto Alegre, para enfrentar a revolução rugidora alhures e para voltar ao Rio e a Brasília. *Brizola queria armar o povo, com as armas existentes nos depósitos e arrecadações militares, desencadear uma guerra civil. Preconizava até o incêndio desta formosa e querida Porto Alegre.* Ladário, talvez por dever de ofício, declarava-se em condições de lutar e relacionava as Unidades com que podia contar. Floriano o contradiz e assegura que nem mesmo os corpos de tropa citados por Ladário e comandados por brizolistas ou comunistas, lutariam em defesa de um governo desmoralizado e contra o qual já se tinham sagrado como vitoriosos o IV, o II e o I Exércitos. Então,

² Figura lendária de um Judeu errante na Europa do século IV.

Brizola exalta-se, dizendo que a situação era má por causa dos que não a enfrentavam com a necessária coragem. Energicamente, Floriano refuta a insinuação e quase chegam às vias de fato.

Conciliador, Jango intervém e afasta-se com Floriano, já agora para ouvi-lo a sós, num dos escritórios internos. Pergunta a seus conselheiros de quanto tempo disporia ainda para estar em Porto Alegre. Respondem-lhe que tropas da 3ª DI já se aproximavam pela então BR-37, podendo chegar em uma ou duas horas. Ao fim dos arrazoados ouvidos, resolve partir deste seu mais recente pouso. Eram 11 horas.

Com profunda e indisfarçada revolta, entra Brizola no conhecimento daquela deliberação. Ele não iria e sai precipitado e enraivecido pelo portão principal da casa, aberto para a Rua Cristóvão Colombo. Jango sai pelo portão da garagem, que dá para a Rua Carlos Von Koseritz, entra num carro e dirige-se para o aeroporto.

Princípio de vaia ou hostilidade esboça-se à saída do ex-Governador, que investe contra um popular. Os soldados da guarda restabelecem a ordem. A casa vai ficando vazia. Os carros de combate, que a guardavam, retiram-se ruidosamente. Volta esta esquina, plácida e tranquila, a ser igual às outras mil encruzilhadas da cidade.

Para aqueles dois políticos, porém, tão bafejados pela sorte, ricos e poderosos desde cedo, mas tão incapazes de honrar as posições — para Jango e para Brizola — ela terá sido uma das mais dramáticas esquinas da existência...

O avião de João Goulart levanta vôo às 1130 horas, para uma de suas estâncias de São Borja, onde ele permaneceria até o dia 4. Pensou em ir dali para o Paraguai, mas acabou decidindo-se por Montevidéu, onde fixou sua residência de exilado. Brizola ainda permaneceu em Porto Alegre por alguns dias, de onde, para não ser preso, ausentou-se por deliberação própria, fugindo para a capital uruguaia.

Após Goulart haver partido de Porto Alegre, seu amigo Ladário volta ao quartel-general do III Exército. Demora-se ali por quinze minutos. Não houve despedidas. Vem à residência e, mais tarde, juntamente com Otomar, entra num avião da FAB que o leva de regresso ao Rio.

Sempre achei eminentemente variável no tempo e no sentido o formoso trinômio verbal de César, comunicando ao senado Romano sua vitória sobre Farnaces: **Veni, vidi, vici**. Para Ladário, mandado por João Goulart dominar o III Exército, foi curtíssimo e foi negativo. No caso seria "Vim, não vi e nem venci."

E para encerrar estas referências, em que tantas vezes aparece o nome de um colega já desaparecido, ressalvo que apenas tratei de reconstituir acontecimentos realmente ocorridos, fazendo-o à luz de documentos e depoimentos que me foram trazidos. Não poderia atenuar nem acentuar circunstâncias. Mas nem de leve moveu-me o pensamento de acusar quem quer que fosse ou denegrir alheias atuações. Admirável acho, e digna de respeito, a decidida lealdade de Ladário para com o amigo de quem sempre recebera atenções e generosa justiça.

Na hora amarga e cruel em que se via, João Goulart há de ter olhado com enternecida gratidão o esforço corajoso com que aquele general lutava por servi-lo...

Os propósitos incendiários de Brizola não tiraram o povo de Porto Alegre de seu notável equilíbrio emocional. Com a retirada de Goulart e o recolhimento de Ladário à residência, caía a paz sobre o cidade. Poppe e Adalberto já restabeleciam os laços de Comando do III Exército e da 6ª DI. Os Coronéis Rubem Continentino Dias Ribeiro, José Codeceira Lopes, Odílio de Magalhães e Oriovaldo Pereira Lima, por iniciativa própria e por determinação do Comando da 6ª DI, assumiram o completo controle de Porto Alegre. A noite de 2 para 3 decorria pacífica, apenas permanecendo a severa vigilância dos oficiais, visto como pela penetração subversiva que atingira os sargentos menos avisados eram sempre de prever reações de parte dos exaltados.

Às 2130 horas ocorre na 5ª Zona Aérea o grave incidente da tentativa de morte do digno e admirado Maj-Brig Nelson Freire Lavanère Wanderley, com a morte imediata de seu agressor, Ten-Cel-Av Alfeu Alcântara Monteiro. Vem ao III Exército pedido de ajuda, sendo de temer que dali se

originassem graves consequências. Sob a direção do Ten-Cel. José Epitácio de Melo e Maj Ilus Fagundes Ourique Moreira partem para Canoas e Gravataí a 6ª Companhia de Polícia do Exército, 1ª Companhia de Guardas, 1º Esquadrão do Regimento de Cavalaria Mecanizado, e um pelotão do 6º Esquadrão de Reconhecimento, que apoiam integralmente nossos bravos companheiros da Aeronáutica, lá permanecendo até que por eles fossem dispensados.

No dia 3, pela manhã, regressa a Porto Alegre o operoso e digno Gen Adalberto Pereira dos Santos, Comandante da 6ª DI, e, no mesmo dia, à tarde, chegam o Governador Meneghetti e o Gen Poppe, aquele assumindo suas funções normais no Palácio Piratini e este, que já assumira o Comando do III Exército, em Santa Maria, ocupa seu gabinete no QG e recebe as apresentações de sua valorosa oficialidade.

Estavam resolvidos, com dignidade e acerto, os gravíssimos problemas do III Ex, cujas tradições de bravura e de patriotismo foram preservadas pelos Generais Poppe de Figueiredo, Adalberto Pereira dos Santos, Dario Coelho, Joaquim de Melo Camarinha, Hugo Garrastazú; por seus Coronéis José Codeceira Lopes, Rubem Continentino Dias Ribeiro, João Jacobus Pelegrini, Odílio de Magalhães, José Plácido de Castro Nogueira, Ruy de Paula Couto, Tenentes-Coronéis Armando Renan d'Ávila Duarte, Telmo de Oliveira Santana e a maioria dos oficiais do quartel-general do III Exército, da 3ª Região Militar, das 1ª, 2ª e 3ª DC, da 3ª e 6ª DI, e da 5ª Região Militar.

Seguiram-se meses de intenso labor para o restabelecimento e normalização das atividades rotineiras, de par com intensa vigilância contra os que, exilados no Uruguai, sonhavam um retorno subversivo que derrocasse a vitória das Forças Armadas contra o comunismo, a subversão e a corrupção que tinham ameaçado o organismo nacional. Vi de perto, no Recife, o custo dessas tarefas, entre as quais não menor era o perfeito esclarecimento ao público, das causas da Revolução Democrática e do quanto dela nos era lícito esperar.

Ao chegar eu em setembro, para assumir o Comando do III Ex, estavam adiantadas todas as tarefas e, meu único mérito terá sido o de assegurar-lhes a indispensável continuidade.

Cheguei como um velho conhecido e amigo, confiando em cada um e sendo por todos entusiasticamente acreditado. Sentia, palpitando em mim, todas as credenciais para o comando a que fora chamado. No coração, o mapa, a História e as tradições gaúchas; raízes de família lançadas no Paraná - e para esta gente patriótica e arrebatada eu mostrava no uniforme a poeira da Revolução vencedora no Nordeste.

Senti o ambiente por meu contato aprofundado com os Governadores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e com meus generais.

As características do Gen R1 Nei Aminthas de Barros Braga, fazem dele o Governador mais ajustado com o comando militar, não apenas por ser um colega de farda, mas por saber harmonizar de forma quase perfeita sua autoridade civil com as exigências militares da conjuntura. Naquela área é exemplar a coordenação civil e militar, o que mais enaltece a inteligência e capacidade do político e administrador que vem, decidido com a Revolução, desde seus primórdios.

Também o Governador Ildo Meneghetti, do Rio Grande do Sul, mostra grande sensibilidade revolucionária e, dentro de sua maneira de ser, de pensar e de agir, é atento às contingências do momento histórico. Sofreu com os militares horas de incerteza e vinha de há muito na oposição a Goulart.

Quanto aos generais subordinados ao III Exército, Gen Div Augusto Fragoso, Cmt da 3ª Região Militar e Álvaro Tavares do Carmo da 5ª RM/DI, Augusto César de Castro Moniz de Aragão, da 6ª DI; Generais-de-Brigada Júlio Maximiano Olivier Filho, Comandante da 3ª DI, Oscar Luís da Silva, comandante da 1ª DC, Affonso Augusto de Albuquerque Lima, Comandante da 2ª DC, Antônio Jorge Corrêa, Comandante da 3ª DC e Isaac Nahon, chefe do EM do III Exército, constitui-se conjunto de excepcional significação, graças ao qual esta grande unidade avulta cada vez mais no cenário militar de nossa Pátria.

Senti também o clima em que ia viver, pelo plano terrorista que a polícia civil e a 2ª seção do Estado-Maior do III Exército, poucos dias antes, haviam desbaratado (24 de agosto). Os criminosos queriam incendiar a residência do Comandante do Exército, que era então o Gen Adalberto, tão bondoso e condescendente nas horas de cordialidade quanto decidido, destemeroso e enérgico face aos perigos e às provocações.

Queriam incendiar os jornais, grandes firmas comerciais e essa maravilha de organização que é a TV Piratini. Foram presos em sua maioria e suas responsabilidades apuradas em rigorosos inquéritos. Seus nomes: Eni Taluá Tosca de Freitas, 2º Sgt Pedro Espinosa da Silva, 1º Ten R1 Luís Carlos da Silva Gruber, e outros.

Instituo como lema principal para os componentes do III Exército: aprimorada instrução militar - espírito revolucionário e anticomunista - agressividade máxima no cumprimento do dever militar, e com isto vemos o clima ir melhorando, dia a dia. Os subversivos não cansavam de conspirar, mas nós sabíamos de seus constantes esforços para encontrar brecha ou linhas de menor resistência por onde penetrassem no dispositivo do III Exército.

Passam-se três meses de expectativa, porque nossos "barômetros" assinalavam "ventos fortes e tempestades de sul".

A 26 de novembro é preso no Aeroporto Salgado Filho, ao tomar um avião para Montevidéu, o ex-Cap-Av Alfredo Ribeiro Daudt, um dos expurgados da Aeronáutica. São encontrados em seu poder os planos de um movimento subversivo denominado "Operação Pintassilgo", a ser realizado em conjunto por elementos da ativa ou da reserva da FAB, do Exército, da Brigada Militar e grupamentos civis. Era um planejamento bem-feito e perigoso, que não nos surpreenderia, porém, por já ter sido delineado em nossos estudos analíticos conjuntos, das 2ª e 3ª Seções do III Exército e da 5ª Zona Aérea.

Rigorosamente apurados os fatos em inquéritos policiais-militares, resultaram como principais responsáveis: o citado ex-Cap-Av Daudt, o Ten-Cel. Reformado Américo Batista Moreno, o Cel. da Brigada Militar Gaúcha Átila Cavalheiro de Escobar e outros.

Continuamos animadamente ligados ao lema referido atrás. A instrução e vigilância intensas em todas as unidades do III Exército onde se torna difícil dizer qual a melhor. Os subversivos de Montevidéu sob nossa mira, para a qual a distância não constitui obstáculo. A imaginação pode trabalhar lá, mas os fatos têm que se revelar aqui. E nas extensões compreendidas desde o Itararé - Ribeira até a Coxilha de Santana - Chuí, nada passa despercebido a nossos meios de informações.

Em 5 de maio, isto é, 4 meses após o malogrado plano dos "Pintassilgos", descobrimos no Bairro de Ipanema um centro irradiador de instruções que continuavam a vir de Montevidéu. O "caso" percebido pela Secretaria de Segurança, nos entregou o ex-Sgt Araken Vaz Galvão que fora ter a um hospital, quase morto por mão feminina. Inquérito, desvendamento de uma trama diabólica visando a conquista de Porto Alegre e, eventualmente, o desencadear de guerrilhas na Serra do Pinto, a NE do Município de Osório, apuração de numerosos culpados. O homem-chave não morreu, mas sua recuperação tem sido custosa e dramática. Tem vivido para revelar seus cúmplices. Ele não não pôde fazer o mal que pretendia; oxalá, Deus lhe salve a pobre vida...

O III Exército, ao ver essa obstinação dos vencidos, não tem direito a descansar. Incrementamos ao máximo a campanha de esclarecimento e pregação democrática, mediante a organização de importante "Comissão de Ação Psicológica" chefiada pelo Gen Humberto de Souza e Melo, tendo por auxiliar principal o Cel Adolpho João de Paula Couto. Em cooperação com a FAB, imaginamos e organizamos em cada unidade um certo número de "Pelotar", isto é, pelotões fortemente armados, aptos ao embarque instantâneo em aviões e preparados para engajamentos violentos logo após chegar ao solo.

Com esses "Pelotar" realizamos a operação presença, indo inesperada e preventivamente a pontos do território onde hajam indícios de subversivos, conspiradores ou comunistas: influentes.

Mesmo assim, a 26 de março de 1965, irrompe inopinadamente uma horda tentando realizar operações de guerrilhas com início nas localidades gaúchas de Três Passos e Tenente Portela no extremo norte do Rio Grande do Sul, de onde se deslocava vertiginosamente pelo oeste do Estado de Santa Catarina, rumo ao Paraná, onde, no dia seguinte, os Presidentes do Brasil e do Paraguai inaugurariam, em Foz do Iguaçu, a monumental ponte internacional da "Amizade".

O combate a essa tentativa ousada e inconsequente foi um magnífico teste para as tropas do III Exército. Nele ficaram comprovados os itens do lema imposto por meu comando: capacidade operativa (instruções); gana contra os subversivos e um encarniçamento de cães de raça no rasto e no faro da caça.

No mesmo dia de seu aparecimento, o bando já estava localizado por nossos observadores aéreos e seguido de perto pela tropa; no dia seguinte, estavam cercados; ao primeiro contato com a tropa da Companhia de Francisco Beltrão, foram desbaratados. Depois o problema residual foi do aprisionamento de um por um dos componentes do grupo. Chefe do grupo e o primeiro a ser preso: Cel. Reformado Jefferson Cardim de Alencar Osório, imediato do grupo, e talvez mais atuante que todos, ex-Sgt. da Brigada Gaúcha, Alberi Vieira dos Santos. Prisioneiros, foram recolhidos ao quartel do 1º Batalhão de Fronteira, num total de vinte e quatro.

Notáveis a capacidade de nossa Infantaria e o auxílio que nos trouxe um grupamento de pára-quedistas (39 homens) que, estando em exercícios na região de Bagé, se deslocou para Foz do Iguaçu, entrando em ação, com rapidez espantosa. Notável, a coordenação decidida e perfeita do comando e tropa da 5ª Zona Aérea com o comando e tropa do III Exército.

Foram figuras principais dessa exemplar operação: o Ten-Cel. Ademar Marques Curvo, comandante do 1º Btl Front; o Maj Jorge Teixeira de Oliveira, comandante do grupamento de pára-quedistas; o Maj Hugo Caetano Coelho de Almeida, assistente secretário do Cmt III Ex.; o Cap Canrobert Lopes Costa, do 18º RI; o Cap Fanueli Martin Álvares, do 2º R Rec Mec; o Ten Marco Antônio Sávio Costa, do 13º RI; e o Sgt Carlos Argemiro Camargo, morto em combate.

Estou certo de não me enganar ao dizer que terão o mesmo fim todas as tentativas de perturbação da ordem na área do III Exército, e tenho a convicção de que na atual fase da vida nacional, estamos fazendo quanto está a nosso alcance para ajudar a Revolução a cumprir seus desígnios e apoiar o Governo Federal em seus beneméritos planos de restauração nacional.

Vindo de tão longe, no tempo e na distância, graças meu Deus, por me dares a força, a saúde e o discernimento necessário para utilizar em bem da Pátria esse magnífico instrumento de paz e de guerra, que é meu querido e heróico III Exército.

Caibam em meu coração todas as saudades do passado e, em meus olhos, a visão encantadora do Brasil atual, livre das ameaças, seguro de si, em marcha acelerada para seu futuro de glórias e de felicidades.

Fonte:

BASTOS, Joaquim Justino Alves, General. *Encontro com o tempo*. Porto Alegre: Globo, 1966, p. 381-393.

EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Academia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre
lecaminha@gmail.com